



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

JOSÉ LAUDEMIRO RODRIGUES DA COSTA FILHO

**A CAMUFLAGEM DO PARAÍSO: A ABORDAGEM MIDIÁTICA NA VISIBILIDADE
MUNDIAL DO ARQUIPÉLAGO CHAGOS**

JOÃO PESSOA

2017

JOSÉ LAUDEMIRO RODRIGUES DA COSTA FILHO

**A CAMUFLAGEM DO PARAÍSO: A ABORDAGEM MIDIÁTICA NA
VISIBILIDADE MUNDIAL DO ARQUIPÉLAGO CHAGOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Relações Internacionais da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Relações
Internacionais

Área de concentração: Abordagem midiática do
Arquipélago Chagos

Orientador: Prof. Dr. Filipe Reis Melo

JOÃO PESSOA
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837c Costa Filho, Jose Laudemiro Rodrigues da.
A camuflagem do paraíso [manuscrito] : a abordagem midiática na visibilidade mundial do arquipélago Chagos / Jose Laudemiro Rodrigues da Costa Filho. - 2017.
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Filipe Reis Melo, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Arquipélago Chagos. 2. Reino Unido. 3. Mídia. 4. Estados Unidos.

21. ed. CDD 341

JOSÉ LAUDEMIRO RODRIGUES DA COSTA FILHO

A CAMUFLAGEM DO PARAÍSO: A ABORDAGEM MIDIÁTICA NA VISIBILIDADE
MUNDIAL DO ARQUIPÉLAGO CHAGOS

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

Aprovado(a) em 13 / 12 / 2017.



Filipe Reis Melo /UEPB
Orientador(a)



Raquel Bezerra Cavalcanti Leal de Melo /UEPB
Examinador(a)



Giuliana Dias Vieira /UEPB
Examinador(a)

Ao meu avô Eraldo (*in memoriam*), pelo apoio durante a vida e pelo excepcional exemplo de luta contra as dificuldades que sempre encontraremos,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer de forma sincera as pessoas que estão comigo nessa caminhada árdua desde o começo, meu pai, Laudemiro, minha mãe, Erineusa e minha vó Maria de Lourdes. Por sempre estarem presentes e apoiando mesmo quando tudo parecida indefinido e nebuloso, no meu desespero e nervosismo, me apoiando nesse importante capítulo acadêmico, por confiar e acreditar que desde o começo eu era capaz. Agradeço também aos meus tios Aloísio e Cláudia, pelo incentivo e identidade de luta e pelo apoio pessoal desde a minha mudança para Paraíba.

Ao professor e orientador Filipe Reis Melo pelas excepcionais leituras e indicações apresentadas no decorrer do Projeto de Pesquisa como também no decorrer de toda sua orientação.

A todos os professores do Curso de Relações Internacionais da UEPB, em especial, Julio César Cabrera Medina (*in memoriam*), que durante sua passagem na terra nos ensinou que Relações Internacionais está presente em nosso dia-a-dia, em nosso estado e em nossa cidade, principalmente nos instigando a lutar justamente por uma cooperação mais justa e positiva.

A todos meus colegas da UEPB pelos momentos de risadas, seriedade, estudos e lutas. Em especial agradeço ao meu grupo de amigos denominados de DIPLOMATAS que me ajudou a segurar toda a pressão da vida acadêmica, tornando minha passagem pela UEPB mais feliz e cercada de companheirismo.

Por fim, e de mesma importância, gostaria de agradecer aos ex-presidentes Luís Inácio Lula da Silva e a Dilma Rousseff, que por 13 anos puderam acreditar que a educação ainda é o único caminho para buscar a grandeza de nosso Brasil, proporcionando para mim e para outros milhares de brasileiros a oportunidade de realizar um de seus sonhos mais importantes: voltar para casa formado e cheio de energia para contribuir com nossa nação.

*“Sob as estrelas e listras
Para as almas perdidas que foram enganadas,
Seremos vistos, mas não ouvidos.*

[...]

Legalize a verdade!

(Revolution Radio – Green Day)

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A GÊNESIS CONFLITUOSA DO ARQUIPÉLAGO CHAGOS.....	12
2	A PROBLEMÁTICA ATUAL.....	16
3	O TRATAMENTO MUDIÁTICO.....	18
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	28

A camuflagem do Paraíso: a abordagem midiática na visibilidade mundial do Arquipélago Chagos¹

José Laudemiro Rodrigues da Costa Filho²

RESUMO

Este artigo discute o caso do Arquipélago Chagos, no Oceano Índico, cujos habitantes foram expulsos pelo Reino Unido entre 1968 e 1973, tendo como objetivo alugar o arquipélago aos Estados Unidos da América, para que instalasse na Ilha de Diego Garcia uma base militar que funciona até hoje. É um caso exemplar de violação de direitos humanos, discriminação, remoção forçada e privação do direito de propriedade, com consequências transnacionais. Frente a isso, o objetivo deste trabalho é analisar o tratamento dado pela mídia regional e internacional a esse episódio. Ainda, expor as implicações em consequências da abordagem midiática sobre expulsão dos chagossianos de seu território e a busca pela resolução desse impasse. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho quantitativo. Conclui-se que o caso dos chagossianos é paradigmático na área do Direito Internacional, trata-se de um caso de injustiça colonial sofrida por uma população indefesa, nas mãos de duas grandes potências guiadas por interesses geopolíticos e que a mídia, em sua maioria, ajudou a manter o assunto fora do conhecimento público.

Palavras-chave: Arquipélago Chagos. Diego Garcia. Mídia. Reino Unido. Estados Unidos.

¹ Trabalho de pesquisa financiado pelo Programa de Iniciação Científica do CNPq/ Universidade Estadual da Paraíba.

² Estudante de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba [jlaudemirorodrigues@outlook.com].

INTRODUÇÃO

A ideia para o desenvolvimento do presente trabalho surge a partir do projeto de iniciação científica sobre o mesmo objeto de estudo, e este particularmente tem como objetivo analisar o tratamento dado por alguns meios de comunicação ao desterro dos chagossianos do Arquipélago Chagos e de sua luta nos tribunais para retornar a sua terra natal, de onde foram retirados forçadamente pelo Reino Unido entre 1968 e 1973. Esse período foi marcado por um total desrespeito dos Direitos Humanos no que engloba o direito de ir e vir, acrescido das violências e dificuldades sociais enfrentadas por essa população. Os chagossianos continuam a tentar divulgar tal absurdo por meio de ações impetradas em Cortes Internacionais e do Reino Unido, seguido de projetos para uma maior visibilidade das violações aos direitos humanos sofrida. Após pressões de comunidades de chagossianos realocados em países próximos e em respostas às atividades secretas envolvendo o exército estadunidense com armas nucleares no Arquipélago Chagos, os chagossianos passaram a exigir uma resposta por parte do Reino Unido e dos Estados Unidos em defesa dos Direitos Humanos, para proteção de sua população.

As atuações de ONG em defesa da causa dos chagossianos fortalece a sua causa, especialmente, a defesa do direito a regressar à ilha de Diego Garcia, a maior do arquipélago. Frente à sensação de injustiça, o papel da mídia é de extrema importância para dar a conhecer ao mundo a injustiça sofrida pelos chagossianos e para exercer pressão sobre as autoridades competentes na resolução do problema.

A divulgação desse embate, tem assumido um papel primordial frente aos dilemas de conflitos e violações dos Direitos Humanos e garantia à moradia. As veiculações possuem poderio de dar voz à causa e fortalecer a luta dos chagossianos, levando a temática para o âmbito das agendas das políticas globais, reforçando aos Estados interessados os seus direitos e deveres no que diz respeito à garantia do retorno dos chagossianos para a ilha da que foram expulsos.

O desterro dos chagossianos de seu território tem grande importância nas Relações Internacionais, pois tende a desencadear diversas consequências e entendimentos em outras áreas: (1) Direitos Humanos, a questão do deslocamento forçado faz alusão aos artigos 2º, 12 e 17 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e como a questão jurídica internacional trata o caso; (2) Estratégia e Geopolítica, uma vez que a base militar estadunidense é uma das mais

estratégicas do mundo, sua localização no *BIOT (British Indian Ocean Territory)* constitui uma maior militarização da área; e (3) Meio Ambiente, atualmente a área do Território do Oceano Índico Britânico abriga uma área de proteção ambiental com políticas de entradas complexas e cheia de obstáculos para civis.

Por fim, tem-se como objetivos desse artigo a exposição da origem do caso de Chagos e as peculiaridades sobre a abordagem midiática que toda a situação do Arquipélago Chagos recebe em periódicos estadunidense, britânico e da República de Maurício, onde a maioria dos deslocados forçados (e de seus descendentes) está à espera de respostas definitivas de todo esse atrito.

1 A gênese conflituosa do Arquipélago Chagos

O Arquipélago Chagos encontra-se num local geopoliticamente estratégico, situado no meio do Oceano Índico. Justamente pela sua posição geográfica privilegiada, a região tem sido alvo de muitas disputas desde seu “descobrimento” em 1532, pelo português Diego Garcia a serviço da Espanha, cujo nome batizou a maior ilha do arquipélago. Dessa época em diante, navios de várias nacionalidades atracaram nesse local para fincar suas bandeiras.

Quando a França ocupou Maurício, em 1721, anexou o Arquipélago Chagos aos seus domínios, e foi no ano de 1780 que a ilha de Diego Garcia teve o seu primeiro assentamento. Em 1810, sob o tratado de Paris, os Britânicos assumiram o controle de Maurício e, conseqüentemente, do Arquipélago Chagos. Devido à produção de coco e de óleo de coco na ilha, o local ficou conhecido como “Oil Islands” e essa produção ficou a mercê do uso privativo dos donos dessas plantações de coco e, portanto, o local não estava sendo formalmente colonizado.

O uso do trabalho escravo foi utilizado no arquipélago até 1835, quando houve a emancipação e a população escravizada que trabalhava no local, quase toda de origem africana, acabou ficando para residir nas ilhas. A partir da segunda metade do século XIX, povos indianos também foram empregados para trabalhar nas plantações de coco e acabaram permanecendo no local.

Conforme Peter Sand (2009), a importância geográfica de Diego Garcia se encontra, como já dito, no fato de que a Ilha está localizada no meio do Oceano Índico, quase que equidistante de todos os pontos dos continentes ao redor. Além disso, possui uma lagoa interna com um porto

natural de 125 km² com profundidade entre 12 e 30 metros, protegida por todos os lados por recifes de corais. A ilha possui “formato de pé” quando vista de cima, e por essa razão, recebeu dos estadunidenses o rótulo “pegada da liberdade”.

A partir da metade da década de 1960 e o começo da década de 1970, o povo de Chagos experimentou uma época marcada por uma grande injustiça. Tratou-se de um processo de remoção forçada de sua terra natal, uma clara violação dos Direitos Humanos dessa população. Um acordo feito entre o Reino Unido e os Estados Unidos planejou a evacuação completa da ilha, de maneira autoritária e desumana. A intenção era construir uma base militar para os estadunidenses na maior ilha do arquipélago: Diego Garcia.

Figura 1: Mapa de localização do Arquipélago Chagos



Fonte: Geographic Guide. <http://www.geographicguide.com/africa-maps/indianocean.htm>. Acesso em: 23 jun. 2017.

O acordo firmado em 1966 cedia a ilha para propósitos militares defensivos, por 50 anos, aos Estados Unidos, com possibilidade de renovação por mais 20. David Vine (2015) afirma que o acordo entre os EUA e o Reino Unido teria dado um desconto de 14 milhões de dólares na compra de mísseis balísticos de baseamento submarino para o Reino Unido. Segundo Peter Sand (2009), a base militar de Diego Garcia é possivelmente uma das mais importantes bases americanas fora do seu território e certamente uma das mais caras. Esta base militar apresentou-se fundamental aos EUA nas guerras do Afeganistão e do Iraque. Sand afirma que em 2008, oficiais britânicos e estadunidenses admitiram que a Ilha de Diego Garcia fazia parte de um “programa” Secreto da CIA.

O processo de remoção teve início em 1962, quando os Estados Unidos assumiram a intenção de adquirir a Ilha de Diego Garcia. Em 1965, os EUA sugeriram ao governo britânico que separasse o Arquipélago Chagos do controle do governo mauriciano. Maurício naquele ano ainda era colônia britânica. A intenção das duas potências era criar uma nova colônia militar, o Território Britânico do Oceano Índico (BIOT).

Segundo Peter Sand (2009), a criação do BIOT era fundamental para as duas potências do Norte, na medida em que esses governos não queriam ter suas atividades sujeitas ao controle de um Estado emergente, uma vez que, em 1964, Maurício, por direito, possuía a soberania sobre o Arquipélago Chagos, e já se encontrava naquele momento num bom nível de autogoverno, além de estar planejando a independência que foi alcançada em 1968. Sand (2009: p. 3) cita uma nota de um Ministro do Escritório Colonial, escrita em outubro de 1964: “It would be unacceptable to both the British and the American defense authorities if facilities of the kind proposed were in any way to be subject to the political control of ministers of a newly emergent independent state.”

Sand (2009) revelou que um acordo diplomático peculiar foi colocado em prática no ano de 1965 entre os governos do Reino Unido e de Maurício. A proposta era retirar o arquipélago do território mauriciano para criar o BIOT e em troca, Maurício receberia uma compensação financeira de três milhões de libras, além de um acordo Anglo-Mauriciano de fundos para defesa. Haveria também uma compensação pela expropriação dos donos das plantações e pelo reassentamento dos ilhéus em Maurício. Seychelles também abriria mão de parte de seu território no arquipélago e ficaria responsável por acolher parte da população chagossiana realocada, receberia em troca a construção de um aeroporto nacional em Mahé. Após essa medida, Vine (2012) diz que, em 1966, um acordo secreto entre EUA e Reino Unido, envolvendo o pagamento

de 14 milhões de dólares, iniciou o processo de remoção do povo chagossiano para Maurício e para Seychelles, entre os anos de 1968 e 1973.

No ano de 1967, as ilhas e as plantações foram adquiridas pelo governo britânico, ou seja, Londres comprou os locais privados, mas havia ainda uma questão que o governo do Reino Unido temia que viesse a ser de conhecimento internacional: o fato de que uma proporção significativa da população estava vivendo nesse local há várias gerações e obviamente isso seria uma violação da Declaração das Nações Unidas de número 1.514 de 1960, que prevê o direito inalienável das populações das ex-colônias à independência e ao seu território. Dessa forma, entre os anos de 1968 e 1973, as autoridades americanas conspiraram com seus colegas britânicos para remover os chagossianos, escondendo cuidadosamente a sua expulsão do Congresso estadunidense, do Parlamento britânico, da ONU e dos meios de comunicação.

A intenção do governo Britânico era maquiagem toda a população como natural de Maurício ou de Seychelles, em vez de considerá-la nativa do arquipélago, uma vez a população residia na ilha há pelo menos três gerações. De fato, uma parcela da população que habitava a ilha vinha de outros locais para Diego Garcia, apenas para trabalhar nas plantações de coco. Ao afirmar que toda a população da ilha se encontrava na condição de população flutuante, o governo britânico conseguiu evacuá-la sem atrair a atenção da comunidade internacional.

A partir de 1967, quando algum morador saía da ilha para buscar algum tipo de assistência médica, ou mesmo fazer alguma viagem de férias, acabava sendo impedido de retornar para casa. Além disso, para retirar a população indígena de suas terras foram usadas táticas cruéis de embargo, a fim de gerar fome na população. Houve também a prática de exterminação de seus animais domésticos e até ameaça de morte aos grupos de oposição, deixando-os, finalmente, sem condições de permanecerem naquele local. Cerca de 2.000 pessoas foram expulsas de Chagos e só lhes foi permitido levar uma mala de mão.

A população de Chagos foi literalmente abandonada no porto de Maurício e de Seychelles. Encontraram-se, então, sem teto ou trabalho e com pouco ou nenhum dinheiro. Vine (2012) argumenta que não houve nenhuma assistência no processo de assentamento nesses locais e muitas famílias permanecem em condição de pobreza até hoje.

O efeito da expulsão dos chagossianos de sua terra natal foi devastador. A maioria da população foi relocada em Maurício, um país que já tinha seus próprios problemas, como uma alta taxa de desemprego. Os chagossianos em Maurício se viram em condições precárias, sem

condições dignas de moradia ou mesmo de higiene. Houve, portanto, nesse processo, perda de identidade cultural e de autoestima, além do processo de empobrecimento.

“No exílio, os Chagossianos rapidamente se encontraram lutando para sobreviver na condição de serem os mais pobres entre os pobres, em países que agora são destinos turísticos”. (VINE, 2012, p. 847 - Tradução nossa). Vine (2012) afirma que há mais de quatro décadas o povo de Chagos está lutando para retornar a sua terra natal e conseguir uma compensação justa pelo seu desterro. Eles já protestaram nas ruas, fizeram greves de fome, enviaram petições aos governos estadunidense e britânico, além de processá-los nas mais altas cortes tanto europeias quanto nas Nações Unidas.

Conforme Gifford e Dunne (2014), o número de habitantes deslocados pelas ações do governo britânico, continua sendo incerto. É necessário dizer que o governo do Reino Unido realizou contagens populacionais nas ilhas, mas esses dados não parecem estar precisos. Segundo as contas de Gifford, entre 1965 e 1970, foram 820 ilhéus deslocados e em 1971 o governo de Maurício deu um número total de 1.151 pessoas.

2 A problemática atual

Muitas petições e apelos que foram enviados pelos chagossianos ao Reino Unido e aos Estados Unidos não obtiveram sequer resposta. Vine (2012) afirma que o governo dos EUA declarou não ter responsabilidade legal por esse povo. O autor diz que: em 1976, o governo britânico enviou um investigador para analisar em que condições os ilhéus estavam vivendo em Maurício e relata que estavam “vivendo em condições deploráveis” (VINE, 2012). Apesar disso, nenhum dos dois governos fez absolutamente nada.

A luta dos chagossianos continuou forte entre as décadas de 1980 e 1990, mas com pouco progresso. Em 1997, um grupo deles processou a Coroa Britânica, desafiando a legalidade da expulsão e em novembro de 2000, eles saíram vitoriosos. A alta Corte Britânica admitiu a ilegalidade da remoção e consentiu o seu retorno às ilhas do arquipélago, exceto Diego Garcia. Em consequência desse fato, em 2001 e 2002, muitos chagossianos iniciaram processos nas cortes britânicas e estadunidenses com o objetivo de receber compensação adequada pela remoção para terem condições de reconstruir suas vidas nas ilhas. Em 2002, muitos ganharam o direito de obter cidadania plena no Reino Unido.

Em abril de 2010, o UK Foreign and Commonwealth Office (FCO) anunciou o estabelecimento de uma Área de Preservação Marítima (APM) no BIOT. Essa decisão desencadeou uma avalanche de matérias sobre a futura blindagem ambiental da área em questão. A área da reserva cobriria 544.000 km², o que representa mais que o dobro do tamanho do Reino Unido. Essa área de preservação abrange o Arquipélago de Chagos com exceção da Ilha de Diego Garcia, local da base militar estadunidense. A APM baniu qualquer tipo de comércio de pesca ou qualquer atividade humana exploratória nessa área. Para alguns, essa medida impediria de uma vez por todas o retorno dos chagossianos ao arquipélago, pois o estabelecimento de uma reserva marinha poderia ser a forma mais eficaz, a longo prazo, de impedir que qualquer um dos antigos habitantes de Chagos, ou de seus descendentes, tivessem a possibilidade de reassentamento naquele local.

A decisão de fazer essa APM gerou bastante polêmica, apesar de ser muito aclamada por conservacionistas e organizações ambientais do mundo. A formação da APM interferiu no processo dos chagossianos na Corte Europeia de Direitos Humanos em meados de 2004. Além disso, segundo Gifford e Dunne (2014), a criação da APM levanta uma série de questões legais internacionais: conflita com o pedido da República de Maurício e das Maldivas de soberania e de jurisdição sobre a região; não há compatibilidade com a convenção da ONU para Lei dos Mares e falta aplicabilidade em outros acordos multilaterais.

Sobre a alegação da preservação marítima, Peter Sand (2009) cita que o BIOT não faz qualquer referência à necessidade de monitorização das radiações. Mesmo que os submarinos de propulsão nuclear dos EUA tenham fugas de radiação experimentadas noutros países (por exemplo, no Japão, 2006-2008), a administração do BIOT nunca realizou medições de radiações na ilha de Diego Garcia.

Uma vitória dos chagossianos poderia complicar o futuro de uma base considerada fundamental para a estratégia militar dos EUA. Washington sabe que se os ilhéus fossem repatriados, ganhariam o direito à autodeterminação e eles poderiam até ser despejados da base. Finalmente, como muitos observadores notaram, uma vitória judicial dos chagossianos criaria um precedente importante para outros grupos deslocados que reivindicam o direito de retorno a sua terra natal.

3 O tratamento midiático

Alguns teóricos alegam que a mídia tem o poder de minar a capacidade de decisão dos Estados, porém, outros vão mais além, como Aron (2002) que argumenta que a revolução da informação age como uma ferramenta para ampliar, manter e conquistar poder na esfera internacional a serviço dos Estados.

A mídia contribui para que a política externa dos países não seja mais baseada como em tempos antigos, ou seja, apenas concretizada por diplomatas e pelo Poder Executivo. É de suma importância perceber a entrada de novos atores no cenário político internacional, seja a sociedade civil, elementos de paradiplomacia, e por fim, a imprensa. Gilboa (1987) chama de *media diplomacy* a influência e principalmente o uso das redes internacionais de comunicação nas decisões estatais.

Para Gilboa (2001), a diplomacia tradicional perde espaço em meio às revoluções da mídia, sempre focada e baseada no conceito de cultura de massas, já que atualmente há uma nova gama de regras, técnicas e mais consequências para Estados, diplomatas, jornalistas e principalmente para o grande público. Para o autor em questão, há três modelos analíticos: Diplomacia pública, diplomacia da mídia e diplomacia feita pela mídia.

Toda a blindagem ambiental formada em torno do Arquipélago Chagos pode ser considerada como uma forma de diplomacia pública já que o objetivo geral passa a ser:

Construir a imagem de um país no exterior por meio da comunicação direta com governos e indivíduos estrangeiros, disseminando o pensamento e a cultura locais, utilizando os *mass media* por meio de intercâmbios culturais, científicos e artísticos” (BURITY, 2013).

Tal comportamento é respaldado pelo *CNN Effect*³, influenciando assim políticas relacionadas às defesas e crises humanitárias.

Por meio de sua base militar na Ilha de Diego Garcia, acrescida de trabalhos sociais, juntamente com vários projetos de proteção (blindagem) ambiental do arquipélago ([Chagos-Trust](http://www.chagos-trust.org/)⁴), a mídia americana e britânica agem como ator instrumental para mobilizar suporte e desfrutar de acordos. Nessa situação, a mídia pode surgir em outro patamar na sua atuação, sendo um ator conflituoso (CAMARGO, 2008).

³ Confere aos meios de comunicação um protagonismo que subentende uma independência quase que totalmente frente aos outros atores internacionais, o que assim legitimaria as ações para guiar os rumos das relações internacionais.

⁴ <http://www.chagos-trust.org/>

É caracterizado em suma como uma promotora de conflitos, travando um grave embate entre o não retorno do povo chagossiano para sua terra natal contra uma blindagem ambiental focada em uma não adulteração e na preservação do arquipélago. Fazendo isso por meio da diplomacia pública, cultivando uma imagem ecológica do arquipélago de Chagos, moldando uma boa imagem do país, logicamente para retirar o foco da questão dos deslocados forçados e ao mesmo tempo, persuadir a grande massa de opinião pública para militar e ser favor do que é divulgado nas maiores mídias dos países desenvolvidos.

Baseado na taxinomia adotada por Gilboa, podemos identificar atores e suas respectivas funções: (1) Ator instrumental⁵ como a grande mídia americana e britânica age em decorrer da blindagem ambiental em Chagos; (2) Ator interventor⁶, as várias ONG ambientais que buscam a conservação das espécies no Arquipélago Chagos, que mostram sua influência por meio de relatórios científicos acerca do mapa biológico e natural das ilhas.

No outro extremo do papel midiático, no caso do Arquipélago Chagos, pode-se identificar o papel da imprensa mauriciana como uma Diplomacia na Mídia (GILBOA, 2002). O papel da imprensa República de Maurício, diferentemente da mídia britânica e estadunidense, é buscar uma forma de negociação, tentando evitar ou até mesmo acabar com esse conflito e com a situação de atrito. Gilboa mostra que são duas formas de atuação diferentes: a diplomacia pública está voltada para o confronto, e há uma grande precaução na forma de propaganda política que será veiculada; por outro lado, a diplomacia na mídia utiliza os meios de comunicação para tentar estabelecer conexão entre os atores para aí sim, poder construir uma confiança e tentar avançar nas negociações, dessa forma, tenta uma mobilização para o apoio público nas tentativas de acordos. É o caso dos maiores portais de notícias de Maurício, [Le Mauricien](http://www.lemauricien.com/)⁷ e [L'express](http://www.lexpress.mu/)⁸, cuja abordagem é sempre no âmbito macro, sempre fazendo a cobertura das Assembleias da ONU e outros eventos internacionais onde líderes de Estados podem exercer influências. Assim, tenta dar visibilidade à luta dos deslocados, evidenciando a tentativa de acordo entre os Estados envolvidos.

⁵ Instrumento pelo qual os demais atores internacionais recorrem para avançar em negociações complicadas, fazendo com que consiga a mobilização popular para obter ou concretizar acordos

⁶ Tem a capacidade de mediação a influentes profissionais, que são desinteressados nas negociações entre Estados mas têm seu papel de contribuição para o tema.

⁷ <http://www.lemauricien.com/>

⁸ <http://www.lexpress.mu/>

O trabalho constitui inicialmente a escolha dos três principais portais de notícias dos três países interessados diretamente no embate sobre o futuro do Arquipélago Chagos (República de Maurício, Reino Unido e Estados Unidos) e claro, sua população e seus descendentes. Constitui também uma análise quantitativa e qualitativa de como cada ramificação dos assuntos se comporta na mídia internacional selecionada nesta pesquisa.

Posteriormente, optou-se por escolher oito portais de notícias, representando três países que têm o maior interesse no caso dos chagossianos, como também mais três países que possuem alguma relação com a população ou que são importantes ferramentas nos portais de notícias internacionais. Um da República de Maurício, um de Seychelles, dois dos EUA, um da França, um da Índia e dois do Reino Unido.

Da República de Maurício, o objeto de estudo foi o portal de notícias *Le Mauricien*, uma importante fonte de informações sobre o país, seus habitantes e seus respectivos interessados. A República de Maurício foi e é o primeiro citado e interessado nesse atrito geográfico. O *Le Mauricien* representa todo o histórico da população, desde sua retirada forçada até as tentativas de acordo com a ONU e com as Cortes Internacionais. Por conta da grande quantidade de matérias, o banco de dados do *Le Mauricien* só disponibiliza as últimas mil matérias veiculadas, por conta disso período de análise das matérias veiculadas nesse portal compreende os anos de 2010 até 2017.

Da República das Seychelles, o objeto de estudo foi o portal Nation. Seychelles abriga um número significativo de deslocados chagossianos e por isso é de significante importância para o trabalho, contudo a complexidade e a falta de matérias do portal encurtaram a busca.

Para representar a mídia dos EUA, foram escolhidos os jornais *The New York Times* e *The Washington Post*, por serem dois dos periódicos de referência naquele país e no meio jornalístico mundial. O período de análise das matérias do *The New York Times* é entre 1914, com a criação do jornal, até março de 2017, enquanto o período estudado do *The Washington Post* foi entre 1999 até 2017. Esse grande intervalo de tempo é justificado pelo abrangente banco de dados disponibilizado pelo portal de notícias americano, dando uma margem histórica mais completa acerca do comportamento que o periódico tinha.

Para se ter uma visão um pouco mais externa do conflito, o trabalho apresenta portais da Índia e da França, *The Hindu* e *Le Monde*, respectivamente. O período de análise para o portal de

notícias francês foi de 1987 até outubro de 2017, esse período se explica por um banco de dados relativamente extenso acerca do tema. Já o período de análise do portal de notícias da Índia abrange três curtos anos, de 2014 até 2017, contudo, com duas matérias históricas datadas de 1965 e 1987, que são disponibilizadas no próprio banco de dados do portal online.

Por fim, as representações da mídia do Reino Unido estão nos tradicionais jornais britânicos *The Guardian* e *The Independent*. Esses portais foram escolhidos porque abrangem a maior quantidade de matérias inseridas num maior intervalo de anos, aumentando assim o grau de precisão das porcentagens encontradas. Foram analisadas as notícias do *The Guardian* desde 1950 até março de 2017, do *The Independent* foi entre 1994 até março de 2017.

Em relação ao conteúdo das matérias, o trabalho definiu cinco categorias em relação ao teor das matérias: (1) embates e negociação; (2) situação social; (3) meio ambiente; (4) geopolítica e estratégia; e (5) outros.

Cada categoria representa a compilação de assuntos semelhantes entre si, assim utilizados para nortear as possíveis parcialidades de cada veículo escolhido. A primeira coluna se refere a notícias relacionadas ao embate e às negociações, como por exemplo notícias veiculadas acerca dos resultados e/ou acompanhamentos da luta dos chagossianos nas cortes internacionais, reuniões da ONU, Reino Unido e até mesmo nas Ilhas Maurício. A segunda categoria é sobre a situação social, desde a retirada forçada da população, ou seja, todas as matérias relacionadas às condições de vida dos chagossianos. A terceira categoria é em relação ao meio ambiente, à criação de uma Área de Proteção Marinha (APM) e especialmente à Diego Garcia. A quarta é em relação aos interesses geopolíticos e estratégicos da base militar em Diego Garcia. Por fim, na última categoria denominada “outros” encontram-se matérias que não se encaixam nas anteriores, como por exemplo matérias do *The Guardian*, onde há a cobertura da Copa Internacional de Futebol de nações não reconhecidas pela FIFA, da qual o time de futebol de Chagos foi participante.

Quadro 1: Quantidade de matérias e seus respectivos teores

Mídia	CATEGORIAS										Total
	Embates e Negociação		Situação Social		Meio Ambiente		Geopolítica e Estratégia		Outros		
	Número de matérias	%	Número de matérias	%	Número de matérias	%	Número de matérias	%	Número de matérias	%	
NYT	2	3,4	4	6,9	16	27,6	33	56,9	3	5,2	58
TG	42	32,3	27	20,8	19	14,6	30	23,1	12	9,2	130
LM	318	37,9	241	28,7	54	6,4	53	6,3	174	20,7	840
TH	6	42,9	0	0	4	28,6	2	14,3	2	14,3	14
TI	15	30,6	8	16,3	13	26,5	10	20,41	3	6,1	49
LMO	13	24,1	9	16,7	15	27,8	5	9,3	12	22,2	54
TWP	1	9,1	1	9,1	6	52,5	1	9,1	2	18,2	11
NA	1	100	0	0	0	0	0	0	0	0	1
NYT = The New York Times TG = The Guardian LM = Le Mauricien TH = The Hindu TI = The Independent LMO = Le Monde TWP = The Washinong Post NA = Nation											1.157

Fonte: Elaboração própria.

O método de busca desse trabalho foi baseado em palavras-chaves e *hashtags* (palavra-chave antecedida pelo símbolo “#”). No processo de busca foram filtradas todas as matérias que continham referência a Chagos, contudo, houve a aparição de matérias irrelevantes para esse trabalho que traziam as palavras e expressões “Chagos” e/ou “Diego Garcia” citadas de forma aleatória ou apenas como referência e indicações. Sobre essas matérias não foram levantados nenhum dado ou análises significativas.

Durante a análise das matérias para a elaboração desta pesquisa, ficou claro que a forma como a mídia de cada país ligado ao assunto veicula suas mensagens refletem em boa medida o seu interesse. No jornal *The New York Times*, observa-se claramente que a maioria de suas matérias estão na categoria Geopolítica e Estratégia, já que de 58 matérias analisadas desde o início do banco de dados do jornal, 33 (56,9%) foram catalogadas naquela categoria. Esse número alto pode ser derivado das inúmeras operações, seja pelos EUA ou em conjunto com o Reino Unido, que foram realizadas, em especial na guerra do Golfo, do Afeganistão e do Iraque. A segunda área mais veiculada pelo histórico jornal estadunidense foi Meio Ambiente. Parece que tratar de questões de preservação da natureza seria a forma mais cômoda de blindar a maior ilha (agora uma base militar) de possíveis visitantes e interromper assim qualquer tentativa de

volta por parte dos chagossianos. As poucas matérias catalogadas em Situação Social, ou seja, 4 que correspondem a 6,9%, e as catalogadas como Embates e Negociação, 2 (3,4%) mostram que os interesses de uma das principais mídias dos EUA são divulgar as ações militares que passam por Diego Garcia, não ajudar a divulgar a causa dos chagossianos e blindar o arquipélago para evitar visitantes indesejados. Já no *The Washington Post*, tem-se claramente a inclinação voltada para o teor relacionado ao meio ambiente, das 11 matérias veiculadas no decorrer dos anos, seis matérias são sobre meio ambiente. A questão da blindagem ambiental do território se torna mais frequente na mídia estadunidense, sobrepondo-se inclusive à questão geopolítica um pouco mais presente no outro portal analisado.

O jornal britânico *The Guardian* remete a uma perspectiva muito diferente da encontrada nos números e porcentagens dos jornais estadunidenses. O periódico britânico tem um total de 130 matérias relacionadas majoritariamente a Chagos, das quais 42 foram catalogadas na categoria Embates e Negociação, ou seja, 32,3% das matérias veiculam a luta jurídica e humana dos chagossianos por retornar à terra natal. Há de se observar também que o *The Guardian* apresentou 30 (23,1%) matérias na categoria Geopolítica e Estratégia. Nessa categoria, o *The Guardian* menciona em várias ocasiões o *British Indian Ocean Territory* (BIOT), ao mesmo tempo em que não faz referência acerca das operações estadunidenses e da OTAN com o apoio da base militar de Diego Garcia. A terceira categoria que mais aparece é a Situação Social, com 20,8% das matérias do jornal inglês. Muitos chagossianos moram ilegalmente no Reino Unido e o jornal veiculou matérias sobre a situação precária de trabalho dos chagossianos, bem como sua situação de extrema pobreza. A categoria Meio Ambiente apareceu em quarto lugar com 19 matérias (14,6%). Essa categoria de matéria promove a blindagem ambiental e com isso, deixa mais distante a possibilidade dos chagossianos retornarem para sua terra de origem. Ainda no que se refere ao Reino Unido, o portal de notícias *The Independent* segue uma identidade um pouco menos equilibrada do que o *The Guardian*, contudo, a questão ambiental tratada tem números e porcentagens significantes se comparado com o resto das matérias, ocupando o segundo lugar, tendo 4 matérias a menos do que o teor mais veiculado, “embates e negociações”.

O portal de notícias um pouco mais distante da realidade de conflitos jurídicos diretos, o *The Hindu*, da Índia, apresenta um comportamento peculiar. Quase 43% de suas matérias são direcionadas para a divulgação dos resultados dos embates e negociações, da mesma forma,

quase 30% de suas matérias são sobre questões ambientais presentes tanto em Diego Garcia, no BIOT, como também no Arquipélago Chagos como um todo.

No que se trata do jornal francês *Le Monde*, a questão ambiental tem uma maior participação no portal. Quase 30% (15) matérias francesas são inclinadas para a proteção ambiental da região do Arquipélago, 24% são matérias com um teor de explicação para as negociações e discussões jurídicas nos tribunais internacionais, ONU e outros organismo e cortes. Ainda, *Le Monde* reserva um pouco mais de 15% de suas matérias para discorrer e noticiar sobre a situação atual dos chagossianos, um pouco mais dos 9,26% reservados da contribuição midiática sobre a importância geopolítica e estratégica da região do Arquipélago Chagos.

Infelizmente, *Nation*, da República de Seychelles apresentou apenas uma matéria veiculada em 10 anos de banco de dados. A matéria em questão tem uma explicação geral sobre o conflito e foca nos primeiros resultados da corte europeia sobre a decisão a favor do Reino Unido, ou seja, de manter os chagossianos longe de sua terra natal.

Por último, o *Le Mauricien* que é um dos maiores portais de notícias da República de Maurício, país que mais abriga os deslocados de Chagos. O que mais chama a atenção desse veículo é a diferença da quantidade de matérias veiculadas por ele em comparação com os outros veículos desta pesquisa. O *Le Mauricien* publicou quase mil notícias num espaço de tempo de menos de 10 anos sobre os chagossianos. Desse número, mais de um terço (318, ou 37,9%) foi catalogado em Embates e Negociação, ou seja, para relatar e divulgar os andamentos das questões jurídicas que tramitam nos tribunais internacionais, e também para noticiar tentativa de acordos, reuniões ou até mesmo manifestações cobrando uma posição da ONU, da Corte Europeia de Direitos Humanos ou do Tribunal Penal Internacional. A segunda categoria que mais aparece é a Situação Social, com mais de um quarto das matérias do jornal mauriciano, isto é, 241 (28,7%) são referentes a explicar e denunciar a situação social que a antiga população de Diego Garcia se encontra. As categorias Meio Ambiente com 54 matérias (6,4%) e Geopolítica e Estratégia com 53 (6,3%) ficam distantes das duas primeiras. A preferência desse veículo por tratar de questões ligadas às duas categorias mais frequentes mostra claramente que a mídia mauriciano tende a divulgar com muita frequência o andamento dos processos do povo chagossiano, e ao mesmo tempo, tenta mostrar o lado humano e principalmente o tema dos Direitos Humanos não respeitados ao serem expulsos de sua terra e serem obrigados a recomeçar a vida num lugar que não era o seu nem pretendiam lá estar. E o baixo número de matérias nas

categorias Meio Ambiente e em Geopolítica e Estratégia indicam que o foco do jornal é a questão humana e a tentativa de resolução desse embate que está na linha de frente do *Le Mauricien*.

Por fim, cada jornal estudado historicamente teve e tem uma linha midiática definida, seja nos Estados Unidos, no Reino Unido, na República de Maurício, em Seychelles, na França e na Índia.

Analisando os números dos jornais estadunidenses é fácil localizar e entender quais os focos que os portais estão objetivando. O *The New York Times* por exemplo, tende a demonstrar as consequências estratégicas e militares positivas que a manutenção da base militar em Diego Garcia gera e continuará gerando. Tais consequências vão além de assunto puramente militar, mas também como o exército americano está contribuindo para o aumento de índices sociais e ambientais da ilha e de sua própria base. Por outro lado, mas não menos diferente, o teor ambiental encontrado na grande maioria das matérias do *The Washington Post* chancelam à mídia americana o papel de que a interferência do exército americano em um arquipélago tão distante não é apenas uma atitude positiva por si só, mas também são ações necessárias para a defesa do meio ambiente em esfera global, tendo em vista que a agenda de proteção ambiental internacional tem um grande papel de influência na comunidade internacional.

No que tange à análise do papel da imprensa britânica sobre Chagos, iniciando pelo gigante *The Guardian*, o resultado numérico encontrado mostra uma inclinação principal voltada para a área jurídica e suas decisões finais. A maioria das matérias veiculadas tem o papel de legitimar legalmente as decisões da corte, mostrando que todas as ações relacionadas a Chagos foram efetuadas de forma legal e sempre respeitando as normas internacionais. Seguindo quase que a mesma proporção de quantidade de matérias, o *The Independent* também foca na legitimidade jurídica que o Reino Unido tinha ao tomar as mais diversas decisões, por outro lado, o crescente número de matérias relacionadas ao conteúdo geopolítico e ambiental deixa claro que esses temas também serão tratados de forma prioritária, ao menos nesses dois periódicos britânicos.

No que se trata da mídia da República de Maurício, em resumo, a análise mostra que o *Le Mauricien* tem em suas matérias como objetivo mostrar de forma quantificada toda a luta jurídica e social nas batalhas do povo chagossiano, seja nos tribunais internacionais ou nos movimentos de volta para o arquipélago, tentando ser transparente e completo acerca de todo passo a passo jurídico.

Os números encontrados no portal de notícias francês *Le Monde* já mostram as consequências que uma blindagem ambiental na região causou no decorrer dos anos. A grande quantidade de matérias no periódico francês relacionadas à agenda ambiental e conseqüentemente estudos técnicos biológicos amplamente divulgados, irão confirmar a necessidade de uma proteção contra ação humana, e em decorrência disso, o não retorno dos chagossianos estaria praticamente reafirmado.

Já o periódico de um país um pouco mais distante da problemática de Chagos, *The Hindu*, da Índia, proporcionalmente segue os dados do britânico *The Guardian*, fazendo com que as questões das decisões das cortes internacionais fizessem parte da fatia mais significativa em seu portal, ao mesmo tempo em que a questão ambiental acerca do arquipélago recebe também uma considerável atenção. Mostrando assim que a agenda ambiental internacional da região também está presente em portais de notícias de países que ocupam uma menor importância na problemática dos chagossianos.

Por fim, as matérias do periódico de Seychelles não têm um peso significativo nessa análise, pois só foi identificada uma matéria sobre o tema mostrando um panorama geral sem inclinações significativas. Isso nos leva a intuir que o tema Chagos não merece interesse nesse veículo de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista todos os dados levantados nesta pesquisa, pode-se perceber claramente o que cada meio de comunicação tende a divulgar a seu público alvo. A mídia tem um papel fundamental na formação da opinião pública e na questão do Arquipélago Chagos. Cada veículo apresentou uma característica diferente. O *New York Times* busca explicitar a grande importância geopolítica da base militar para os EUA, ao mesmo tempo que *The Washington Post* tem uma tendência de proteção ambiental da região estudada.

É notório também que o *The Guardian* tenta, por meio de suas matérias e portais, veicular principalmente a legitimidade jurídica de todas as ações do Reino Unido no Arquipélago, desde a retirada dos chagossianos até mesmo as resoluções da Corte Europeia de Direitos Humanos e da ONU em favor da Rainha. Esse comportamento é espelhado pelo outro portal estudado, *The Independent*, ou seja, em dois grandes periódicos britânicos a maior quantidade de informações

veiculadas são direcionadas para a legitimidade jurídica das decisões tomadas em favor do Reino Unido, seguido também por uma extrema necessidade de blindagem ambiental, necessidade reforçada por estudos biológicos divulgado por esses mesmos portais britânicos e também por portais de outras nações, como França e Índia. Aparentemente, os britânicos e os estadunidenses criarão o máximo de obstáculos possíveis para evitar o retorno de habitantes para a ilha, e ainda, dos descendentes daqueles que foram expulsos.

Ainda, a questão ambiental do Arquipélago Chagos é um tema tratada com muita frequência, tanto no *Le Monde* como no *The Hindu*. Esse teor tem uma contribuição significativa na quantidade de matérias veiculadas, muitas vezes são textos extremamente técnicos com estudos e informações raras sobre a vida ambiental da área de proteção.

Le Mauricien ressalta o lado social dos chagossianos, tentando fazer com que suas matérias tomem um lado emocional, apelando para as emoções do leitor que, em teoria, tenderia a ficar empático com a questão e tomar partido a favor dos deslocados.

Por fim, ao analisar todos os dados dos 8 periódicos em questão, o embate entre chagossianos e Londres na mídia pode ser dividido da seguinte forma: de um lado, há o discurso de proteção ambiental defendido por períodos francês, britânicos e estadunidenses; do outro, percebe-se a necessidade de reafirmar que toda a problemática dos chagossianos é derivada do total desrespeito aos Direitos Humanos fundamentais, ou seja, não apenas mostrar que o teor jurídico está acobertando tudo isso, mas informar quais as consequências dos acontecimentos. Assim, esse embate entre Meio Ambiente *versus* Direitos Humanos pode deixar em cheque tanto a agenda humanitária como a agenda ambiental dos países interessados, em especial República de Maurício, Reino Unido e Estados Unidos.

RESUMEN

Este artículo discute el caso del Archipiélago de Chagos, en el Océano Índico, cuyos habitantes fueron expulsados por el Reino Unido entre 1968 y 1973, con el objetivo de alquilar el archipiélago a los Estados Unidos de América, para que instalara en la Isla de Diego García una base militar que funciona hasta los días de hoy. Es un caso ejemplar de violación de derechos humanos, discriminación, remoción forzada y privación del derecho de propiedad, con consecuencias transnacionales. Frente a ello, el objetivo de este trabajo es analizar cómo los medios de comunicación regionales e internacionales trataron el tema. Además, exponer las implicaciones del abordaje mediático sobre la expulsión de los chagosianos de su territorio. Se realizó una investigación bibliográfica de cuño cuantitativo. Se concluye que el caso de los chagosianos es paradigmático en el ámbito del Derecho Internacional, se trata de un caso de injusticia colonial sufrida por una población indefensa, en manos de dos grandes potencias guiadas por intereses geopolíticos y que los medios de comunicación han mantenido el asunto fuera del conocimiento del público en general.

Palabras Claves: Archipiélago Chagos. Diego García. Media. Reino Unido. Estados Unidos.

Referências

- ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília: UnB; Ipri; São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- ARRAIS, César Henrique. **A mídia das Relações Internacionais: aproximações epistemológicas**. 2014. 34f. Dissertação (Especialista em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília.
- BURITY, Caroline Rangel. A Influência da mídia nas relações internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de diplomacia midiática. **Revista Contemporânea**, Vol. 01, Nº 21, 2013.
- CAMARGO, Julia. **Ecos do fragor: a invasão do Iraque em 2003: a mídia internacional e a imprensa brasileira**. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília.
- CHAGOS Trust. **Chagos Trus homepage**. Disponível em: <http://www.chagos-trust.org/>. Acesso em 01 de dezembro de 2016
- GIFFORD, Richard; DUNNE, Richard – A dispossessed People: the depopulation of the Chagos Archipelago 1965 – 1973. **Population Space and Place**. 2014, p. 37-49.
- GILBOA, Eytan, Diplomacy in the media age: three models of uses and effects. **Diplomacy & Statecraft**, v. 12, n. 2. 2001.
- GILBOA, Eytan, Diplomacy in the media age: three models of uses and effects. **Diplomacy & Statecraft**, v. 12, n. 2. 2001.
- GILBOA, Eytan. **American public opinion toward Israel and Arab-Israeli conflict** Lexington: Lexington Books, 1987.
- GRANDISON, Claire; KADABA, Seema e WOO, Andy. Stealing the Islands of Chagos: Another Forgotten Story of Colonial Injustice. **Human Rights Brief** 20, no. 3 (2013): 37-43.
- LE MAURICIEN. **Chagos proposition de Londres** Disponível em: <http://www.lemauricien.com/article/chagos-proposition-londres-grc-non-au-fund-package>. Acesso em 20 de junho de 2017.
- LE MONDE. **Le retour au pays natal des peuples déplacés est un droit fondamental**. Disponível em: http://www.lemonde.fr/idees/article/2017/07/01/j-m-g-le-clezio-le-retour-au-pays-natal-des-peuples-deplacés-est-un-droit-fondamental_5154026_3232.html Acesso em: 12 de Outubro de 2017.
- SAND, Peter. The Chagos Archipelago: Footprint of Empire, or, World Heritage? **Regional Affairs**. 2010, p. 232- 242.
- SAND, Peter. **United States and Britain in Diego Garcia**. The Future of a Controversial Base. New York: Palgrave Macmillan 2009.
- THE GUARDIAN. **Chagos Islanders plead for end to 50 years exile as UK us deal rolls over**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/dec/24/chagos-islanders-plead-for-end-to-50-year-exile-as-uk-us-deal-rolls-over> Acesso em 01 de junho de 2017

THE GUARDIAN. **Chagos Islands.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/chagos-islands>> . Acesso em 04 de junho de 2017.

THE GUARDIAN. **ConIFA World Cul.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2016/may/27/conifa-world-cup-unrecognised-states-kicks-off-abkhazia>>. Acesso em 02 de Junho de 2017.

THE HINDU. **U.K. To Restudy Resettlement of Chagos Islands.** Disponível em: <<http://www.thehindu.com/todays-paper/tp-opinion/uk-to-study-resettlement-of-chagos-islands/article5794104.ece>> Acesso em: 10 de Outubro de 2017.

THE NEW YORK TIMES. **A Roller Coaster in the Sky for Frigatebirds.** Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/07/02/science/frigatebirds-clouds.html?_r=0>. Acesso em 15 de maio de 2017.

VINE, David. **Forgotten Costs of War in the Middle East.** 14/06/2015, Disponível em: http://www.tomdispatch.com/post/176010/tomgram%3A_david_vine%2C_the_forgotten_costs_of_war_in_the_middle_east/#more. Acesso em: 01 de Outubro de 2016,

VINE, David. What if You Can't Protest the Base? –**South Atlantic Quarterly** – Fall of 2012, p. 847–856.